

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

Addis Ababa, ETHIOPIA P. O. Box 3243 Telephone +251115- 517700 Fax: +251115-
517844

Website: www.africa-union.org

CONSELHO EXECUTIVO

Décima-oitava Sessão Ordinária

24-28 de Janeiro de 2011

Adis Abeba, ETIÓPIA

EX.CL/654 (XVIII) Add.11
Original : Francês

**ANÁLISE DAS CONCLUSÕES DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL
SOBRE AS QUINQUAGENÁRIAS INDEPENDÊNCIAS AFRICANAS**
(Ponto Proposto pela República do Benin)

RELATÓRIO SOBRE O SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COTONOU, DE 16 A 20 DE NOVEMBRO DE 2010

1. No quadro do “Ano de Paz e Segurança”, proclamado pela União Africana (UA), e por ocasião do cinquentenário das independências africanas, o Presidente da República do Benin, S.E. Dr. Boni Yayi, tomou a iniciativa de organizar um simpósio internacional, que decorreu em Cotonou, de 16 a 29 de Novembro de 2010. Este evento teve como tema:

«A audácia, único desafio para uma África nova».

2. Este encontro não tinha a pretensão de resolver de uma única vez todos os problemas ligados ao desenvolvimento da África. Nem sequer procurou substituir-se ao Plano de Acção de Lagos ou à NEPAD, nem aos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM). Ao oferecer uma oportunidade e um quadro de reflexão colectiva, o evento propôs-se a servir de um arranque e um impulsionador dos dirigentes africanos sobre várias alavancas de desenvolvimento consideradas fundamentais. **O Manifesto do Cinquentenário**, do qual surgiu, deve ser considerado, para os próximos cinquenta anos, como uma bússola para a **Renascença Africana**.

3. O presente documento de síntese, que se articula em torno de três partes, propõe-se fazer uma apresentação da forma como decorreram os trabalhos assim como os resultados obtidos. A última parte é consagrada às perspectivas das deliberações do simpósio, para as quais a União Africana (UA) surge como um actor privilegiado.

I. ARTICULAÇÃO CIENTÍFICA DO SIMPÓSIO

4. Evento que decorreu de 16 a 20 de Novembro de 2010, o Simpósio Internacional de Cotonou conheceu duas etapas:

- A primeira etapa consistiu no Colóquio Científico propriamente dito, realizado de 16 até ao meio dia de 18;
- A segunda etapa foi consagrada à Cimeira Internacional sobre o Manifesto do Cinquentenário, da tarde do dia 18 até 20 de Novembro, com a presença de dois Chefes de Estado africanos bem como de eminentes personalidades internacionais.

1.1 Colóquio Científico (16 – 18 de Novembro de 2010)

5. Aberto na manhã do dia 16 de Novembro de 2010, pelo Ministro de Estado do Benin, Sr. Irénée Pascal Koupaki, em representação do Chefe de Estado, o Simpósio Internacional de Cotonou contou, nesta primeira etapa, com a participação de cerca de cento e cinquenta personalidades, dentre as quais os actores de primeiro plano da esfera científica da África, da Diáspora assim como de outros continentes, incluindo jovens dirigentes africanos. Duas comunicações introdutórias apresentadas em plenária permitiram situar os participantes sobre os dois grandes desafios do encontro: **a audácia, a paz e segurança em África**. Enquanto o primeiro tema, apresentado pelo Professor Albert Tevoedre, debruçou-se sobre «*A audácia, único desafio para uma África nova*», o segundo tema, apresentado por um Perito da União Africana, Sr. Bira Diallo, articulou-se em torno de «*Síntese e pontos fortes da paz e segurança em África*». Os trabalhos continuaram em quatro painéis que decorreram em simultâneo:

- Painel 1: A audácia da aprovação e da ruptura;
- Painel 2: A audácia da ciência e das suas múltiplas aplicações;
- Painel 3: A audácia do sobressalto e da conquista;
- Painel 4: A audácia das vitórias comuns.

6. Esta primeira etapa da manifestação registou no total trinta e sete comunicações, às quais vieram juntar-se uma dezena de contribuições. É importante realçar que ao nível de cada painel, os debates e as diferentes análises culminaram com resoluções que, por seu turno, serviram de base para a concepção do **Manifesto do Cinquentenário**.

1.2 Cimeira Internacional

7. A segunda etapa desta manifestação consistiu na Cimeira Internacional sobre Ciência, Cultura e Engajamento, que prosseguiu na tarde da 5ª Feira, 18 de Novembro de 2010, com a participação dos Presidentes Boni Yayi, do Benin, e Paul Kagamé, do Ruanda.

8. A África no seu todo esteve também representada neste encontro, através do Presidente da Comissão da União Africana, S.E. Jean Ping, e do Presidente da Comissão da UEMOA, S.E. Soumaila Cissé. Parceiros privilegiados de África, principalmente a França, a ONU, a Santa Sé, entre outros, deram o seu apoio a esta iniciativa original, através da presença dos respectivos representantes.

9. As conclusões dos trabalhos dos quatros painéis foram submetidas à apreciação destas diferentes personalidades que, por seu turno, não somente avaliaram a substância mas também deram as suas contribuições como participantes. Tal foi o caso do Presidente Paul Kagamé, cuja intervenção, na sequência das conclusões do Painel 1, foi enriquecedora e digna de apreço. O Presidente da República do Benin, S.E. Boni Yayi, livrou-se, com o mesmo entusiasmo e interesse, deste exercício, depois da apresentação do relatório do Painel 4.

10. Os participantes a esta Cimeira Internacional recordar-se-ão por muito tempo das intervenções emocionantes dos filhos dos primeiros actores das independências africanas, designadamente a Sr.^a Samia Nkrumah, filha do Presidente Kwame Nkrumah, a Sr.^a Juliana e o Sr. Roland Lumumba, filha e filho de Patrice Lumumba, Sr.^a Justine Kasa-vubu, filha do primeiro Presidente da República Democrática do Congo.

11. Esta segunda etapa do Simpósio culminou com resultados concretos e positivos, a saber, o manifesto do cinquentenário, o quadro geral da parceria e a mensagem da Juventude Africana.

II. RESULTADOS OBTIDOS

2.1 Manifesto do Cinquentenário

12. Como resultado das conquistas alcançadas e das resoluções tomadas pelos participantes presentes em Cotonou, na lógica das rupturas que se impõem para dar o salto definitivo e salvador para o desenvolvimento de África, **o Manifesto do Cinquentenário** representa de longe o ponto culminante e a peça mestre desta manifestação científica. Por cada painel, o manifesto registou, sem complacência, fracassos que, como africanos, são da nossa responsabilidade, sem ter que evocar factores exógenos. Foram preconizadas rupturas audaciosas e apropriadas que devem ser materializadas nas nossas acções quotidianas.

13. Decaído em 50 pontos, o que representa meio século das independências africanas, este documento fundador de referência e de engajamento traça, com audácia, o itinerário de rigor e de disciplina a seguir, com os olhos fixados na **Renascença Africana** até 2060.

14. Ao invés de reproduzi-lo na íntegra no presente documento, contentar-nos-emos em citar algumas ideias salientes:

- **A audácia é o único desafio para uma África nova;**
- Em nome desta verdade, ousamos confessar que a África vai mal, muito mal. Não temos outra escolha senão darmos o **sobressalto salvador de última hora, baseado em valores positivos, incompatíveis com a mediocridade e a fatalidade.** Com esta única condição, o nosso Continente poderá escapar do caos que o ameaça;
- É por esse motivo que, actualmente, a África é chamada a trilhar novos caminhos de liberdade e de desenvolvimento;
- Tal como todos os povos do mundo, **nós também viemos de muito longe** da história da humanidade;
- O mais importante no futuro de um povo reside na sua capacidade de valorizar a pessoa humana, em todas as suas dimensões;
- **A construção de uma África unida, em forma de Federação dos Estados Unidos de África, é um objectivo prioritário;**
- **É chegada a hora de dar o salto, com conhecimento de causa, para a construção acelerada de zonas monetárias regionais, rumo a uma zona monetária africana;**
- Não gostaríamos que se apagasse nas nossas mãos a chama que foi acesa pelos nossos pais, tendo como nomes: **Sacrifício, Patriotismo, Valores do Trabalho e da Disciplina, Auto-estima e Ética como norma da vida.**

2.2 Quadro geral da parceria

15. O Simpósio Internacional sobre o Cinquentenário das Independências Africanas lançou um olhar crítico sobre os acordos de cooperação entre os países africanos e o resto do mundo. Para que esses acordos sejam aplicados com dignidade e no respeito mútuo de cada parte, o Simpósio considera urgente a definição de novas bases de cooperação. Para o efeito, foram formulados 10 princípios que se articulam em torno da parceria, responsabilidade e reciprocidade de interesses. Uma vez mais, a União Africana (UA) continua a ser a única instância continental competente, susceptível de dar um eco favorável a estas propostas inovadoras.

2.3 Mensagem da Juventude Africana

16. Ao solicitar estar associada estreitamente ao processo de decisão, a Juventude Africana assumiu o compromisso de promover o surgimento de uma liderança patriota, visionária, competente e dotada de valores fundamentais de desenvolvimento, tais como o respeito do bem comum, a igualdade de oportunidades, o espírito empreendedor, a promoção da cultura, o engajamento cívico, tudo isto num ambiente de paz. No entanto, como condição prévia, a Juventude Africana exprimiu o desejo de que os mais velhos lhes sirvam de modelo.

III. PERSPECTIVAS

17. O Simpósio de Cotonou lançou as ideias originais e audaciosas que devem ser seguidas com rigor, para que, decorridos cinquenta anos, não voltemos de novo para as mesmas constatações de incapacidade, fracasso e amargura. Para o efeito, é necessário que uma estrutura ligeira assegure o acompanhamento do Manifesto do Cinquentenário, a fim de mantê-lo e atiçar a chama. As redes da juventude presentes em Cotonou bem como as redes de outros participantes deverão promover e perpetuar os ideais defendidos. Ao invés de ter força de lei, o Manifesto do Cinquentenário terá o mérito de servir de bússola que, ao longo da nossa caminhada, podemos consultar, para avaliar os progressos registados e, em caso de necessidade, buscar as medidas de correcção apropriadas. A União Africana, na sua missão de supervisão, torna-se um actor privilegiado, ao nível de todo o Continente africano.

Porto Novo, 03 de Dezembro de 2010

MANIFESTO DO CINQUENTENÁRIO

“E se pretendemos voltar a subir, vejam como temos a obrigação, o pé que se segura firmemente, o músculo que se estica, os dentes que se apertam, a cabeça, oh! A cabeça, grande e fria! É de uma subida jamais vista que falo, meus Senhores, e coitado daquele cujo pé recua!”

Esta citação de Aimé Césaire em «A Tragédia do Rei Christophe», ressona hoje nos nossos ouvidos com uma urgência singular. Ela tem o valor de um apelo de sobressalto num mundo em profunda mutação, do qual a África é um pólo crucial de interrogações, mas também de esperança.

1. Testemunhos de ontem e actores do presente, vindos de todos os horizontes de África e do mundo, reunidos em Cotonou, Benin, de 16 a 20 de Novembro de 2010, consideramos, no final das comemorações do cinquentenário das independências, que **audácia é o único desafio para uma África nova.**
2. Como todos os povos do mundo, **nós também viemos de muito longe** na história humana.
3. **Conhecemos a tragédia** da humilhação, mais tarde a tragédia dos nossos fracassos. No entanto, vivemos igualmente triunfos da inteligência e das vitórias sobre nós mesmos.
4. **Durante cinquenta anos, a nossa missão foi de lutar para a emancipação** da sociedade em relação aos poderes, a emancipação dos homens e das mulheres e construir relações humanas mais equitativas. A inteligência africana nem sempre esteve presente.
5. As lutas de libertação produziram, na dor, a África de hoje e, apesar de mil e uma razões de que podemos nos queixar desta situação, reconhecemos que esta liberdade, conquistada com armas em punho ou concedida sorrateiramente, abriu novos horizontes para todos.
6. Nenhum entre nós vive actualmente no mesmo mundo como os seus parentes. É por esse motivo que, no final das comemorações que marcaram aqui e acolá o cinquentenário, fazemos desta etapa um reencontro da África consigo mesma e com a história, uma hora de verdade que toca o Continente no seu todo.
7. Em nome desta verdade, ousamos confessar que a África vai mal, muito mal. Não temos outra escolha senão decidirmos sorrateiramente nos salvar à última hora, com base em valores positivos incompatíveis com a mediocridade e a fatalidade. Nesta única condição, o nosso Continente poderá escapar ao caos que o espreita.
8. É por essa razão que, hoje em dia, a África é chamada a procurar novos caminhos de liberdade e de desenvolvimento.
9. **A Construção de uma África unida em Federação dos Estados Unidos de África é um objectivo prioritário.** Actualmente, relançaremos a esperança numa cooperação internacional, uma cooperação aliás vivida e gerida porque privilegia as grandes comunidades africanas destruídas pelas independências «concedidas» em espaços divididos, parcelados e fragmentados.
10. **O nosso mercado interno, de mais de um bilião de consumidores,** é a primeira oportunidade de produção de bens e de trocas remuneradoras para cada um dos Estados do Continente. **Devemos promover uma cooperação que reforça as capacidades do domínio deste mercado interno africano.** O sector

privado é o elo fraco das economias africanas. É chegada a hora de rompermos com as práticas públicas que mutilam, apoiando um sector privado forte e competitivo, capaz de manter a concorrência no contexto actual da globalização.

11. **Acreditamos numa África independente, soberana e unida. Acreditamos** no seu lugar insubstituível no mundo. **Acreditamos** no grande desafio que a África representa, tanto pela riqueza única dos seus recursos minerais e naturais quanto pela diversidade cultural que caracteriza as suas imensas potencialidades humanas. **Acreditamos** na voz única na qual a África deve falar.

12. Este cinquentenário das independências constitui também a ocasião de afirmar colectivamente, com todas as gerações e todos os países africanos juntos, que **o essencial do futuro de um povo reside na sua capacidade de valorizar a pessoa humana em todas as suas dimensões**. Neste caminho rumo ao desenvolvimento no Século XXI, nenhuma região do mundo pode pretender dar uma lição à África. Esta última traz no seu seio riquezas ímpares. Não obstante as nossas feridas, as nossas fragilidades e as nossas dúvidas, os homens e as mulheres, as fabulosas riquezas de que dispomos assim como as nossas culturas constituem recursos à altura da nossa vontade forte ao nível continental. Neste contexto, traremos a nós mesmos e à humanidade, pelo que nos toca, uma visão humana na construção de uma globalização civilizada.

13. **Inspiramo-nos nas culturas ocidental e oriental**. Em contrapartida, oferecemos, aos outros povos, a possibilidade de se inspirarem nas nossas culturas. Haverá ganhos para o desenvolvimento humano, de tal modo que as culturas tradicionais, as ciências, as artes, as espiritualidades e a literatura sejam valorizadas na diplomacia dos Estados. **A África pode trazer uma dimensão multicultural nas instâncias internacionais**. Pela voz de Alioune Diop, os escritores e os artistas negros já nos convidaram, durante o seu Congresso de 1956. «Estamos preocupados pela cultura mundial, independentemente do nível do nosso equipamento moderno....Afigura-se importante que os grandes problemas sejam acessíveis a todas as consciências e que todas as originalidades culturais sejam acessíveis a cada um...».

14. Para que a África embarque verdadeiramente no seu desenvolvimento económico, torna-se urgente a constituição de blocos regionais. O desenvolvimento depende de um ambiente económico monetário favorável para os investimentos. Em África, durante os últimos cinquenta anos, várias análises, peritagens e estudos avaliaram as experiências da moeda efectuadas aqui e em todo o Continente. **Hoje afirmamos que é chegada a hora de dar o salto, com conhecimento de causa, para a construção acelerada de zonas monetárias regionais, rumo a uma zona monetária africana**.

15. A classificação dos países em categorias ditas dos países menos avançados (PMA), países pobres altamente endividados (PPTE) induz condições específicas de ajuda que não estaremos à altura de considerar como uma panaceia a ser perpetuada, mas como um mecanismo de subordinação que faz lembrar a ruptura.

A maioria dos países classificados desta forma é africana. **A nova barreira do cinquentenário terá um objectivo: reduzir, o mais breve possível, graças a uma disciplina económica vigilante e uma governação esclarecida, o número dos países africanos estigmatizados desta maneira.**

16. **Os desafios a ultrapassar são ainda imensos. Trabalhos gigantescos ficaram por fazer:** a paz e segurança, a saúde, a educação, a investigação científica e tecnológica, a gestão das nossas cidades e das nossas zonas rurais, a valorização das nossas terras, graças a uma política agrícola apropriada que restitui à África a sua soberania alimentar, a salvaguarda do ambiente, a reforma do sistema judiciário, a formação e o emprego, a promoção das línguas africanas, etc.

17. Em matéria de governação, o espectáculo oferecido pelos nossos países é muito desolador. A mentira, a manipulação, a corrupção, o assassinio, os atentados mais graves às liberdades públicas, as violações dos direitos da pessoa humana, a impunidade, o nepotismo e os seus excessos e outras derivas assombrosas são tomadas como normas de comando. A sociedade civil encontra-se minada por práticas repreensíveis tais como: a trifulhice, a fraude e a procura desenfreada da ascensão pessoal. No que diz respeito aos media, a tentação é grande de sucumbir ao poder do dinheiro e à ambição do ganho fácil, sacrificando o direito do público a uma informação justa e equilibrada.

18. **As soluções virão principalmente de nós, homens e mulheres de África, decididos a tomar as nossas responsabilidades. Queremos construir,** no início do Século XXI e meio século depois da ascensão à independência política, **uma África audaciosa, justa e próspera,** alimentada pelo diálogo pacífico das suas múltiplas identidades e em plena consciência do seu lugar nos desafios da globalização.

19. **Na geopolítica mundial em processo de redefinição, o nosso Continente deve reencontra-se consigo mesmo,** com a edificação da sua própria modernidade. A dupla questão da democratização e do progresso económico sustentável coloca-se a um profundo nível histórico e estratégico para a África, que dispõe de todos os meios para ocupar um lugar central na comunidade internacional e responder, com dignidade, às suas responsabilidades em relação à sua história, aos seus recursos materiais bem como à mobilização das suas capacidades humanas.

20. **Pretendemos impor um modelo de desenvolvimento inédito.** Todavia, zelaremos para que nenhuma ruptura venha entrar os progressos da democracia, a evolução científica, o progresso económico e social assim como os valores culturais que constituem o húmus primordial e o objectivo último de qualquer desenvolvimento

21. Os impasses por onde leva a crise dos modelos dominantes de crescimento do Século XXI colocam a questão da articulação entre as dimensões da vida

humana e social. **Quanto a nós, não escaparemos da obrigação de trazer a nossa solução** para esta questão. Teremos a inteligência de integrar os impasses das economias dominantes, recompondo os nossos conhecimentos, as nossas certezas e as nossas heranças para um novo dia, a fim de juntá-los a todas as nossas iniciativas de desenvolvimento económico e político, a capacidade de sempre criar um ser humano.

22. **Iremos reconsiderar** as nossas próprias riquezas, questionar o nosso conformismo em relação ao modelo dominante, avaliar as nossas parcerias, tendo em conta todos os paradigmas em presença. Esta avaliação e as rupturas que se seguirão deverão nos permitir traçar o nosso caminho único no concerto das nações. Outros continentes, outrora colonizados e dominados, efectuaram essas rupturas. Por isso, tal exercício é possível, por força da visão, do trabalho e da vontade perseverante.

23. **Não podemos passar sob o silêncio da aparição de novos actores** e de novos pólos de decisão para a influência crescente, segundo a qual esses actores mudaram os dados geopolíticos e forçaram a sua entrada na arena internacional. Esses novos actores, que estendem os nossos horizontes, investem massivamente no nosso Continente, à procura de matérias-primas e de novos mercados. **Em relação a este novo desafio, devemos, com vigilância, definir uma estratégia concertada de gestão de todas as nossas parcerias**

24. **A prioridade endógena de criação de empregos, através de milhões, e geradora de bens** deve determinar as relações inter-africanas assim como as relações com os países do Norte e com os referidos novos actores. **Pretendemos que esta prioridade de interesses vitais de África seja adoptada formalmente como estratégia de gestão e inscrita efectivamente na prática quotidiana dos nossos Estados.**

25. **Consideramos a solidariedade da diáspora histórica e recente como um dos fermentos da política do desenvolvimento endógeno de África. Ela representa actualmente a sexta região do Continente.** O peso da sua contribuição, principalmente financeira, é incontornável para o desenvolvimento de África.

26. Para nós mesmos, no interesse das nossas populações, é preciso tudo fazer **para atingir os Objectivos do Milénio.** Pois, **trata-se pelo menos de atingir um padrão de desenvolvimento que permita a realização concreta das aspirações individuais e colectivas.**

27. A este propósito, o prosseguimento da melhoria da qualidade de vida constitui um desafio central. Neste contexto, é preciso colocar em primeiro plano: **a saúde e a protecção do ambiente.** O nosso respeito pela natureza, pelo nosso património cultural e pelo nosso senso comunitário são riquezas excepcionais que importa preservar. De igual modo, **a educação para todos, raparigas e rapazes, é uma prioridade.** Melhor, é conveniente **dizer bem alto** que todos devem usufruir dos

benefícios da instrução aos níveis individual e colectivo. **Na mesma lógica, solicitamos firmemente que todas as mulheres de África, construtoras, no quotidiano, incansáveis do futuro do nosso Continente e do mundo,** devem gozar do respeito da sua integridade física decorrente do seu estatuto de mãe do homem e da humanidade, encontrem o lugar que valoriza o seu papel, tenham acesso a vários postos de decisão e beneficiem dos frutos de uma governação que humanize a sua condição

28. As línguas africanas constituem a base do património humano da África. **Pretendemos que elas sejam sistematicamente inscritas nos programas escolares e ensinadas** em todos os ciclos escolares e que sirvam de vectores nas tecnologias de informação e comunicação. Da sua apropriação pelos africanos depende igualmente o brilho de África no mundo.

29. Neste ano de 2010, proclamado «Ano de Paz e Segurança» pela União Africana, pelas forças políticas e sociais, pelos poderes económicos, pelos intelectuais, pelos actores culturais e mediáticos, **mobilizaremos, graças a uma cultura de diálogo, todos os meios necessários** para a prevenção, o alerta prévio, a mediação e a resolução de conflitos inter-étnicos e os confrontos políticos. A prioridade consiste em pôr termo à explosão prejudicial e criminal da falta do respeito ao direito e das tragédias repetidas que, ao travar os progressos do Continente, nos descredibilizam gravemente.

30. **Apelamos aos nossos dirigentes políticos, ao poder e à oposição** para aumentar a sua capacidade de consulta, de negociação, de reconciliação e de decisão, promovendo uma diversificação dos locais do poder. Esta exigência permitirá reunir as condições de um **verdadeiro contrato de solidariedade** entre todos os parceiros sociais, do topo à base. É a apropriação e a aceitação das políticas de desenvolvimento pelas populações interessadas que está em jogo.

31. A ética é reposta na agenda e se impõe como factor de ruptura em relação à acção pública destes últimos cinquenta anos. **Impõe-se que coloquemos o segundo cinquentenário de África e do seu desenvolvimento sob o signo da ética e da responsabilidade.** A economia terá seguramente a necessidade da ética no combate para a erradicação da pobreza extrema bem como para a conquista do **mínimo social comum, em benefício das populações mais desfavorecidas.**

32. A África, no seu todo, não alcançou o desenvolvimento tecnológico e científico indispensável para o seu posicionamento na competição moderna. A fuga de cérebros qualificados, com justiça de hemorragia, alimenta as conquistas científicas exógenas e priva o nosso Continente de uma maior mais-valia. **Pretendemos que, ao nível continental, esta sangria seja substituída por uma política científica audaciosa e coordenada.** Essa política exorta os poderes públicos, em particular os Chefes de Estado, a financiar iniciativas de formação e de investigação susceptíveis de reter os nossos cientistas em África, criar condições favoráveis

para o regresso e a inserção dos nossos estudantes enviados ou retidos no exterior, assim que terminarem os seus estudos.

33. **Ousamos sonhar**, de acordo com as grandes figuras da diáspora histórica negra, pais das invenções científicas que revolucionaram o mundo, que a África devolve a ciência e a tecnologia à casa. **Para o efeito, devemos juntar as mulheres e os homens africanos da ciência, dispersos pelo mundo fora**, presentemente envolvidos numa experiência de partilha de tecnologias com o seu Continente, ou reforçar as redes já existentes.

34. Os sucessos e os esforços do Continente foram notáveis até ao presente. **A África levantou a cabeça sem ser vista**. No entanto, ela dispõe de capacidades formidáveis do saber e do saber fazer técnicos, científicos e tecnológicos no seu solo, onde as populações demonstram, não obstante as condições materiais mais precárias em que vivem, aptidões renovadas em termos de adaptação dos conhecimentos tradicionais e de inovação científica, principalmente através do rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação bem como da exploração dos recursos da biodiversidade.

35. **Queremos que seja instaurada ou prosseguida a distinção dos inventores e inovadores em todos os domínios de desenvolvimento, através da atribuição de prémios de carácter nacional, regional e continental.**

36. Continente de símbolos, Continente criador da razão, a África está presente na arena internacional em todos os domínios da arte e da cultura. A arte africana contemporânea impôs-se nas grandes galerias do mundo.

37. **A história sempre foi escrita e ilustrada pelos vencedores. A África começou a escrever e ilustrar a sua história. Pretendemos que sejam restauradas, onde ainda não existem, distinções para encorajar e recompensar a criação literária e artística para que, finalmente, a África seja falada por si própria.**

38. O destino de África está ligado ao destino do mundo. **Uma vez conquistada a nossa independência, devemos construir e fazer a gestão mais inteligente das nossas independências, de tal modo a valorizarmos a humanidade.**

39. **Não nos esqueçamos de onde viemos nem do sofrimento dos nossos antepassados**, africanos ilustres e anónimos, espezinhados e por várias vezes executados sumariamente, todos aqueles a quem devemos as nossas independências.

40. Sonhadores impenitentes, os nossos pais não se deixavam levar por circunstâncias ambíguas nas quais os nossos países ascendiam à independência. **No entanto, eles viam nessa independência não um fim em si, mas uma ligação**, a primeira rumo à realização de fins supremos. **Sem eles, a descolonização não teria acontecido.**

41. **Devemos nos recordar sempre que a marcha rumo à independência não foi nada fácil.** Actualmente, é importante nos lembrar que é para nós e as nossas crianças que morreram em condições atrozes Sylvanus Olympio, Patrice Lumumba, Félix-Roland Moumié, Ernest Ouandié, Dedan Kimathi, Amílcar Cabral, Diallo Telli e tantos outros.

42. O cinquentenário constitui também uma ocasião para **expressar a nossa gratidão** aos pensadores de grande envergadura e aos homens corajosos de acção, cujos nomes estão gravados para sempre nos corações e nas cabeças dos africanos de todas as gerações: Cheikh Anta Diop, Frantz Fanon, Alioune Diop, Kwame N´Krumah, Julius Nyerere, Gamal Abdel Nasser, Aimé Césaire, Léopold Sédar Sengor, Agostinho Neto, Joseph Ki-Zerbo, Nelson Mandela, Mongo Beti e Wole Soyinka entre dezenas de outros, incluindo os companheiros de infortúnio, humanistas engajados em todas as extremidades e de todas nacionalidades, das antigas metrópoles, todos aqueles que não conseguimos entender neste momento de inércia, em que a falta da audácia parece ter atingido as nossas memórias e as nossas almas. Misturando as suas vozes num hino formidável para a dignidade do homem africano, materializaram o sonho de uma África erguida, plenamente por si própria, dando a sua palavra e o seu génio para o desenvolvimento e a harmonização do nosso planeta.

43. **Comprometemo-nos a fazer com que esta História seja ensinada a todas as crianças de África, desde o ensino primário, de geração em geração.**

44. **Herdeiros de hoje, cabe a vós, jovens, dar continuidade a esta chama,** levantá-la aos topos mais altos, deixá-la aquecer os vossos corações, forjar as vossas inteligências e alimentar a vossa vontade.

45. Todos estes heróis das independências de África vos passam hoje o testemunho, tendo como ordem concluir os seus primeiros passos. **É da vossa responsabilidade oferecer aos africanos, num futuro próximo, as lágrimas de alegria no sentido de ver o final dos seus sonhos transformar-se em realidade.**

46. Todos os dirigentes são responsáveis pelos seus actos perante a História. **A este propósito, vocês têm o direito de exigir a prestação de contas.** No entanto, o tempo que passa e **as urgências desse tempo vos exortam à acção.** Os vossos mais velhos terão deixado à história pouca bravura e abnegação do que os heróis da libertação do homem negro da escravatura e da colonização.

47. **Vocês dizem «não» à instrumentalização de que são alvos.** Exigem o direito à palavra. **Procuram o vosso lugar e uma identidade** entre a modernidade e as práticas ancestrais que vocês julgam serem libertadoras. **Aspiram a uma coabitação fecunda com os mais velhos** para trancar uma corda nova e sólida em troca da antiga corda.

48. Não queremos que a chama recebida dos vossos pais se apague nas nossas mãos, que têm como nomes: **Sacrifício, Patriotismo, Valores do Trabalho e da Disciplina, Auto-estima e Ética como norma da vida.**

49. «**É chegada a nossa hora**». Isto significa que assumimos o compromisso de trabalhar, com todos, a fim de que aquilo que ontem parecia insuportável hoje não seja jamais considerado insuperável.

50. Das penumbras dos últimos cinquenta anos, **surgimos decididamente erguidos.** Homens e mulheres de África e da diáspora, reunidos aqui na terra africana do Benin, **proclamamos,** neste Sábado, 20 de Novembro de 2010, o nosso compromisso de tomar iniciativas audaciosas de nos apropriar, para os próximos cinquenta anos, da cultura, da disciplina e do trabalho, rumo a um desenvolvimento acelerado, centrado na nossa humanidade em progresso.

51. Decidimos pôr termo ao destino sombrio e de retraimento. Reafirmamos a audácia da nossa unidade e da nossa renascença.

Cotonou, 20 de Novembro de 2010